

"PARA-FORMAL" NO CENTRO DA CIDADE: controvérsias e mediações no uso do espaço público

DÉBORA SOUTO ALLEMAND¹; LAÍS DELLIGHAUSEN PORTELA²; RAFAELA BARROS DE PINHO³; CRISTIANE DOS SANTOS NUNES⁴; IVAN RIBEIRO KUHLHOFF⁵; EDUARDO ROCHA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – deborallemmand@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – laiisdp@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rafaelaapinho@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – cristiane_sn@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – ivankuhlhoff@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Grupo Cidade+Contemporaneidade dedicou-se a mapear a “para-formalidade” em centros de cidades latino-americanas, como Bagé, Salvador, Buenos Aires, Montevideu, Santiago do Chile, Santo Ângelo, La Plata, Pelotas e Brasília (figura 1), a partir de cartografias urbanas¹, fazendo uso de recursos infográficos e sendo divulgado em tempo real por meio de *website*. A pesquisa se volta para os espaços não regulados, espaços anarquistas, onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas, gerando mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade.

O “para-formal” para o grupo GPA (2010)², é um conceito de fronteira, que ao contrário da oposição entre o formal e o informal – a partir de áreas do conhecimento como o urbanismo e a economia, que categorizam seus estudos e objetos em cidade/economia formal e informal – busca experimentar a fresta ou o interstício entre categorias, que aqui denominamos como cenas urbanas “para-formais”. Um modelo de investigação “para-formal” se apropria de categorias alternativas para explorar o “campo do meio”, a zona cinza, onde se desenvolve a verdadeira máquina da cidade.

Já, nessa pesquisa, as atividades consideradas “para-formais” são aquelas que se encontram no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), são todas as atividades (comerciais, culturais, moradia, etc.) encontradas no espaço público da cidade, que não fazem parte de seu desenho urbano (original), mas que “agora” – na contemporaneidade³ – fazem parte de seu cotidiano. São cenas urbanas, individualizadas por imagens fotográficas e anotações. O “para-formal”, no espaço

¹ A cartografia urbana é um método que se faz para cada caso, cada grupo, cada tempo e cada lugar. Podemos registrar essa cartografia urbana através de desenhos, fotografias, filmes, cadernos de campo, exercícios artísticos, sons, etc. - quaisquer formas de expressão que possibilitem avançar no exercício do pensar. A cartografia é um modo de ação sobre a realidade, um modo próximo à uma tática, um mapa que propõe o enfrentamento com o real, despojando-se com as mediações a partir de modelos preconcebidos. (ROCHA, 2008)

² O grupo Gris Público Americano (GPA) é um coletivo independente, formado por um grupo de arquitetos argentinos com sede em Buenos Aires, integrado por Mauricio Corbalán, Paola Salaberri, Pío Torroja, Adriana Vázquez, Daniel Wepfer e Norberto Nenninger [<https://www.facebook.com/grispublicoamericano.gpa>]. Propõe investigações que tem como ponto central as situações de controvérsias urbanas, polêmicas e/ou complexas.

³ “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, dele toma distâncias [...]” (AGANBEM, 2009, p. 59).

público, gera controvérsias (disputas, opiniões diversas ou debates) em seu desenho urbano.



Figura 1 – "Para-formalidades". Fonte: Cidade + Contemporaneidade.

Os objetivos principais do trabalho são: compreender e sistematizar as "para-formalidades" encontradas nos centros das cidades, com a intenção de dar visibilidade aos fenômenos urbanos da contemporaneidade; analisar a relação da cidade formal com suas "para-formalidades"; estabelecer variáveis que permitam ilustrar de maneira clara o espaço e o tempo como sentido básico de orientações, através de elementos de leitura de planos e cartografias; tudo isso através de errâncias urbanas, como forma de desvendar a cidade dentro da cidade.

2. METODOLOGIA

Para este estudo delimitou-se a seguinte metodologia: revisão teórica relativa à "para-formalidade"; coleta de imagens exploratórias errantes em trechos de áreas centrais de cidades; identificação, análise e classificação dos equipamentos "para-formais" encontrados; intervenções urbanas a partir dos equipamentos "para-formais" existentes; organização de dados referentes à coleta de imagens e análise das atividades realizadas, incluindo estudos sobre o método da cartografia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa inicia, então, com a coleta de imagens e errâncias urbanas em trechos de áreas centrais de cidades, que são os lugares de diversidade e densificação de tais atividades. As imagens são feitas de modo errante⁴, tendo-se

⁴ As errâncias urbanas são experiências de apreensão e investigação do espaço urbano pelos errantes (JACQUES, 2012, p. 22). São a própria visibilidade requerida pela metodologia cartográfica da cidade para-formal. Para a experiência errática, a representação visual não é tão importante e o que vale mais são as vivências e ações.

sempre um ponto de partida e um ponto de chegada, mas nunca um caminho determinado a seguir. A partir da coleta, parte-se para a identificação dos equipamentos "para-formais" presentes em cada atividade registrada (bancas, cestos, caixas, bancos, etc), classificando-os quanto ao seu tipo, porte, mobilidade e instalações, além de fazer a relação dos corpos com os equipamentos e de reconhecer elementos que possam modificar as atividades (como o clima, a estação do ano etc.).

A partir dessa análise, foi possível chegar a alguns resultados, como: 1) O "para-formal" é carregado de costumes e identidade cultural local; 2) O "para-formal" nos ensina novas soluções para a cidade na contemporaneidade, assim como anima, ensina, vive e experimenta a cidade; 3) O desenho urbano existente (legal) acomoda-se às cenas "para-formais" e vice-versa; 4) Ao mesmo tempo, o "para-formal" também em várias cenas polui, atrapalha e violenta a cidade e o cidadão e 5) O "para-formal" denuncia a ausência de equipamentos urbanos.

Com este material em mãos, o grupo Cidade+Contemporaneidade propõe intervenções no espaço, entendendo que a partir da arte e das tecnologias é possível "fazer pensar", produzir novas relações, ou seja, descobrir a cidade dentro da cidade, ampliando a discussão sobre o "para-formal".

Uma das intervenções realizadas foi a "Incorporação". A *performance* é feita com projeções de imagens utilizando retroprojetores - figura 2 - apontados para as paredes, chão, teto e até empenas cegas, dependendo de onde é realizada. O intuito não é necessariamente representar a realidade, mas criar um imaginário a partir dessas imagens. A escolha do retroprojetor é para que as "coisas" (imagens) possam ser movimentadas facilmente e sua escala seja manipulada. Essas imagens foram retiradas da oficina "Os lugares do para-formal", realizadas nas cidades de Bagé-RS e Salvador-BA, durante o ano de 2012, pelo grupo Cidade + Contemporaneidade. Além das imagens, bailarinos se moviam, utilizando o espaço da maneira como lhes convinha.



Figura 2: Primeira realização da performance (Maio 2012 - Faurb - UFPel). Fonte: Ivan Kuhlhoff, 2012.

A partir das análises teóricas, visuais e corporais, foi possível perceber que o corpo "para-formal" está torturado e esquecido, mas também feliz e ativo – adaptado e que os equipamentos "para-formais" abrem a possibilidade para novos movimentos corporais. Assim, entendendo que esse tipo de performance revela possibilidades diversas, através das frestas, das brechas, foi importante estudar o método da cartografia, uma metodologia experimental, em cuja essência não está a validação ou a reprovação de uma situação, mas sim a possibilidade de "enxergar o não visível", de habilitar outros possíveis cenários. A cartografia é capaz de gerar chaves interpretativas para ler os vestígios da cultura e da sociedade no espaço urbano, que escapam às leituras economicistas e planificadoras da cidade oficial.

4. CONCLUSÕES

Com base nos estudos, análises, oficinas e intervenções, pode-se afirmar que existe uma cidade “para-formal”, uma cidade paralela à cidade formal. Encontrou-se um espaço de indistinguibilidade, uma zona esfumada, onde podemos abandonar ou encontrar tudo aquilo que ali mesmo havíamos perdido. A cidade ora limita, ora liberta os corpos e as ideias, o tipo de movimentação experimentada no corpo dos usuários é modificado conforme a cidade modifica-se.

Caminhando nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano que surge uma outra cidade, intensa, viva. O “Outro urbano” é aquele que escapa, resiste, vive e sobrevive no cotidiano dessa outra urbanidade, através de táticas de resistência e apropriação do espaço urbano, de forma anônima (ou não) e dissensual, radical. Esse “Outro urbano” se explicita através da figura do morador de rua, ambulante, camelô, catador, prostituta, artistas, entre outros. São estes que a maioria aponta por manter na invisibilidade, opacidade, sendo “alvos” da regulação, ou nas palavras de Paola Jacques (2012), “asepsia” dos projetos e intervenções urbanos. Portanto, compreende-se a importância das errâncias urbanas como forma de construção da cidade, abrindo espaço para discussões e pensamentos a respeito do lugar do ser humano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

DELEZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

GRIS PUBLICO AMERICANO. **Para-formal: ecologias urbanas**. Buenos Aires: Bisman Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.

JACQUES, P. B. [org.]. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

ROCHA, E. **Cartografias Urbanas**. In: Revista Projectare. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPel, 2008.